

EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA: RELATÓRIO ETNOGRÁFICO SOBRE A ESCOLA FRANCISCA PINTO DOS SANTOS E O ASSENTAMENTO ANTÔNIO CONSELHEIRO

Heloisa De Sousa Reis¹
Antonia Camila Da Silva Santos²
Kailany Santos Vieira³
Luis Eduardo Torres Bedoya⁴

RESUMO

Este relatório etnográfico descreve a Escola de Ensino Médio Francisca Pinta dos Santos, localizada no assentamento Antônio Conselheiro, e sua relevância para a educação no campo. A pesquisa foi realizada durante uma aula de campo em 24 de setembro de 2024, com o objetivo de analisar as práticas pedagógicas e o impacto da escola na construção da identidade dos alunos em relação ao campo. A escola adota uma abordagem educativa voltada para o meio ambiente, incentivando os alunos a se conectarem com a terra por meio do cultivo de alimentos sem agrotóxicos e do aprendizado prático sobre conservação ambiental. Os dados foram coletados através de observação, filmagens, fotos e anotações, refletindo as experiências diárias da escola e da comunidade. Entre os entrevistados, destacam-se Dona Erivan, assentada há 29 anos, que contribui para a educação com seus conhecimentos em agroecologia e pecuária, e Dona Regina, assentada há 30 anos, que participou ativamente da luta pela terra. Além da formação acadêmica, a escola incentiva o envolvimento dos alunos em movimentos sociais. Alguns ex-alunos se juntaram ao grupo da brigada, uma organização de militância voltada para a mobilização e desenvolvimento dos assentamentos locais.

Palavras-chave: Etnografia; Educação no campo; Assentamento.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA, PALMARES, Discente,
heloisadesousareiss@gmail.com¹
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA, PALMARES, Discente,
camilasantos290817@gmail.com²
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA, PALMARES, Discente,
kailanysantos982@gmail.com³
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA, PALMARES, Docente,
luchobedoya@unilab.edu.br⁴

INTRODUÇÃO

O relatório etnográfico é um documento que analisa e descreve detalhadamente um determinado grupo, a sua história, costumes, crenças, comportamentos e práticas, buscando compreender interpretativamente e profundamente a sua cultura e modo de vida no cotidiano, analisando de forma interpretativa os dados coletados. A etnografia é uma ferramenta importante na educação, pois ela é utilizada para buscar o entendimento da complexidade humana nos mínimos detalhes, conhecer as interações que ocorrem no interior da escola. O seguinte relatório etnográfico consiste em uma pesquisa sobre a Escola de Ensino Médio Francisca Pinta dos Santos e a sua inserção no assentamento Antônio Conselheiro realizada em uma aula de campo no dia 24 de Setembro de 2024, pela manhã e tarde. Ao chegar pela manhã, os professores, diretor e o grupo da brigada apresentaram a escola e os fatores do cotidiano que vivenciam na mesma brevemente. A escola é focada no campo, na importância da terra, então os alunos têm aulas focadas no meio ambiente, um lugar específico para plantar plantas e comidas, de modo que eles possam se conectar com a natureza de uma forma direta, aprendendo a importância da conservação ambiental na prática, e os sensibilizando para tais questões, refletindo que cada ação impacta o meio ambiente. As comidas plantadas não possuem uso de agrotóxicos e são para o consumo da escola, as formas utilizadas para plantar são meios mais seguros, que não coloque em risco a saúde dos alunos e dos funcionários. Com essa sensibilidade ao meio ambiente os alunos têm um futuro promissor, alguns que já concluíram o ensino médio na Escola Francisca Pinta dos Santos decidiram entrar para o grupo da brigada. Esse é um grupo de militantes que acompanha a mobilização, organização e desenvolvimento dos assentados de Chorozinho a Quixadá, buscando contribuir de alguma forma, levando o nome de Luís Carlos, um homem assentado com muito compromisso. O objetivo da pesquisa é analisar, conhecer e compreender os processos educativos, as práticas pedagógicas, escolares e não escolares, utilizadas na escola para a construção da identidade de pertencimento ao campo, a construção dos alunos para um futuro com melhores condições de vida e avaliar a sua contribuição para a educação escolar.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada durante a pesquisa foi uma observação e interação direta da Escola Francisca Pinta dos Santos e de duas mulheres visitadas, as mesmas relataram como foi e quais foram os desafios ao irem para o assentamento Antônio Conselheiro, a primeira foi a camponesa Dona Erivan, a mesma está há 29 anos no assentamento, ela contribui para a educação na escola de campo com agroecologia, na parte agrícola e pecuária, e na vivência do campo, o seu quintal é diversificado, com plantas e animais, como ovelhas, vacas e galinhas. A segunda pessoa visitada foi a Dona Regina, ela está assentada há 30 anos, estava desde o começo da luta juntamente com outras pessoas, lutando juntos por um mesmo objetivo, a terra, para poderem sustentar as suas famílias. Os dados coletados para a realização desta pesquisa foram com com filmagens, fotos e anotações, refletindo-os e os analisando em seguida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao chegar na Escola de Ensino Médio Francisca Pinta dos Santos, o diretor Flávio, professores e três representantes do grupo da brigada se apresentaram, apresentando a escola em seguida. Então, duas mulheres importantes seriam visitadas para falarem sobre suas histórias. A primeira, Dona Erivan, fala da sua história e vivência no quintal da sua casa, a mesma antigamente pertencia a Raimundo Facol. Ela adora contribuir com o colégio, tanto que o seu genro trabalha no mesmo. Dona Erivan chegou no assentamento ainda nova, está assentada há 29 anos, afirma que ainda há pontos difíceis, como a água, pois não é fácil consegui-la. Quando chegaram no assentamento, Erivan fala que tinham cerca de 500 famílias, e que quando



alguém adoecia era difícil levar para o hospital, pois não tinham transporte para a viagem. Dona Erivan era quem sempre acompanhava-os, e afirma que era difícil, se eles fossem fracos tinham ido embora, pois até mesmo a polícia foi atrás deles para os tirarem de lá. Ela menciona as maiores conquistas para o assentamento, que foram a escola de campo e o açude. A escola leva o nome de uma militante do MST, Francisca Pinta dos Santos. O professor responsável pela turma fala um pouco sobre a homenageada, que teve 8 filhos e todos faziam parte da militância, mas de pouco, foram saindo do movimento após a chegada de uma igreja pentecostal. Francisca, segundo Erivan, veio com sua família de Itapajé. Essa militante foi professora voluntária, e antes de terem um colégio, os alunos estudavam nos barracos. Em outro momento, Erivan fala da sua trajetória até chegar ao assentamento. No dia anterior à mudança, sonhou que desistia e então, ela se dirigiu aos organizadores para informar que estava desistindo e eles disseram para ela não fazer isso e por fim, ela decidiu manter a decisão de ir. Na noite da mudança, ela diz que muitas pessoas voltaram porque não era fácil, estava chovendo, havia lama e não dava para acender o fogo. Sobre o acesso à saúde, dona Erivan responde que é muito difícil. Há um posto de saúde, mas não há medicamentos. E, sobre os partos, é preciso que a grávida seja levada para outra localidade. Ela diz que quando estavam em acampamento, fez o parto de 17 crianças porque não havia outra maneira. Mas agora, levam-se as grávidas para Aracoiaba, Ocara, Ibaretama e até mesmo Baturité. Ela conta de uma vez, que realizou um parto sob a luz da lua, e nasceram duas meninas. A mãe não tinha nada para os bebês, mas graças a solidariedade das pessoas, as crianças em pouco tempo depois já tinham roupas, rede e outras coisas. Sobre a questão da água: antes, eles sofriam muito com a falta de água, mas agora há água encanada, e o açude conta com muitos peixes. Sobre a energia: em um primeiro momento eles não possuíam, havia energia mas eles não podiam usar, então ela conta que resolveram comprar os fios e puxaram a energia para todas as barracas. Depois, foi feito um projeto e colocado a energia. Atualmente há muitas quedas de luz no assentamento. Quando chegaram no assentamento, existia uma pequena escola, mas estava fechada, e então ela diz que planejaram e limparam o colégio. Havia professores que foram ensinar os filhos desses assentados, e foi preciso solicitar à prefeitura para que esses alunos pudessem ter um boletim. Para os que já tinham um estudo mais avançado, foi negociado com o prefeito de Ibaretama para que houvesse um ônibus que os levasse e trouxesse de volta para a escola. Então, eles começaram a pensar em lutar por um colégio dentro do assentamento e, depois de muita luta, foi conquistado. Por fim, a roda de perguntas para a Dona Erivan é encerrada e todos se deslocam para outra residência. A segunda visita foi à casa de Dona Regina, uma mulher forte e determinada, que vive há 30 anos no assentamento no município de Ocara, Ceará. Sua história é marcada por resistência e luta por terra, que simboliza a sua identidade e raízes, Regina chegou a essa comunidade em busca de um pedaço de chão onde pudesse construir uma vida digna. Vinda do município de Aracoiaba, com suas filhas, a mais nova com apenas três meses de vida, quando chegou no acampamento. Sua família questionava o porquê dela querer ir embora para morar no “meio dos matos”, como falou no relato, ela então falava para os familiares “que não tinha só ela lá não, tem várias outras famílias que estão em busca de melhorias”. Em seu relato, dona Regina comenta que no primeiro momento, ao chegar no acampamento, era mata, mas depois se tornou uma comunidade com várias famílias assentadas, com crianças e idosos, todos juntos lutando pelo mesmo objetivo, que era a terra. Desde o início, a luta pela regularização do assentamento foi árdua. A união da comunidade foi fundamental para a conquista dos seus direitos, logo depois da conquista da terra, dona Regina lembra das assembleias comunitárias e das longas conversas onde discutiam estratégias e fortaleciam os laços de solidariedade. Ela comenta que a dificuldade maior era porque tinham muitos analfabetos na época, e foi preciso criar a escola de EJA (Escola para Jovens e Adultos), os que tinham entendimento melhor sobre o assunto, os coordenadores que era organizado pelo grupo, estava a frente da educação. Pois, como relatou dona Regina, “400 pessoas naquela época era muita

gente, e pior, cada um pensando de um jeito diferente”, eles teriam que unificar e estudar os pensamentos em uma só causa, que era a terra. Regina comenta que o importante era a terra, depois o estudo e a religião. Em conjunto, tinham que pensar e organizar tudo pois ainda teriam a conquista das casas, que foi difícil, mas conseguiu sua casinha, que hoje é a mesma onde vive. Foi construída no início, mas vem melhorando com o passar do tempo, como afirma em seu relato. Para a agricultura, dona Regina relata que as pessoas queriam uma terra fértil para sustentar suas famílias, pois não tinham e trabalhavam para os “outros”. Então com a organização e luta do povo veio os recursos do banco, negociação do Inca com o banco, o que favoreceu os moradores, pois com os créditos foi melhorando, e com isso, comprou os maquinários e outras coisas da agricultura. Como muito orgulho, dona Regina fala sobre como tira o seu sustento, comenta que o caju e a castanha são as principais fontes de renda para as famílias que moram ali. A castanha é assada e vendida nas barracas que ficam na estrada e também em frente a sua casa, e com o caju, se faz o mel, doce, suco e outras verduras. Ainda hoje, Regina relata que a maior dificuldade é a água, mesmo com açudes na região, fica complicado o acesso por conta da distância, em sua casa há duas cisternas D’água onde no inverno é armazenada água da chuva para usar no dia a dia. Dona Regina fala sobre um movimento onde algumas famílias levam os seus alimentos desde o ovo até a galinha, tudo o que eles criam e plantam em seus quintais são levados para a feira do Frei Humberto. É daí também que vem uma renda extra, ela enfatiza que o mais importante é que esses produtos são sem agrotóxicos, o assentamento tem sempre essa discussão para não usá-lo em suas plantações. Três associações da região ajudam a abastecer e levam os produtos para a revenda na feira. Regina, espera que a feira cresça mais, pois ainda é muito apertado devido ao fluxo de pessoas. Para levar as comidas, as pessoas conquistaram um transporte do município de Ocara, pois como dona Regina fala “é um transporte que é do povo, mas nem todo mundo tem o acesso para usar”. Regina tem orgulho de ser uma das pessoas que lutou desde o início, sua história é contada com brilho nos olhos, refletindo a importância de cada passo dado ao longo desses anos. Sua relação com a terra vai além do simples sustento, é um laço profundo de pertencimento e continuidade. Para ela, viver no assentamento não é apenas ocupar um pedaço de terra, mas manter viva a memória de uma luta coletiva e garantir que as futuras gerações tenham acesso a uma vida mais digna.

CONCLUSÕES

Consideramos que a importância da luta e resistência indicam uma forte relação da comunidade assentada na construção de uma vida mais digna e estruturada. A escola de Ensino Médio Francisca Pinto dos Santos e os relatos das moradoras dona Erivan e dona Regina, evidenciam a conexão entre a educação, a luta pela terra e a força comunitária nesse processo. A escola, construída a partir da luta do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), não apenas oferece formação acadêmica, mas também integra a realidade local e as práticas de vida no campo, reforçando a conexão entre os alunos, o meio ambiente e a história do movimento social. O diretor Flávio e os professores mencionam a importância de uma educação alinhada com os princípios do MST, que valoriza o conhecimento científico, filosófico e artístico, ao mesmo tempo que reconhece a relevância das experiências de vida dos assentados. Essa abordagem busca desenvolver um senso de pertencimento e continuidade da luta, refletindo na organização coletiva, na participação ativa dos estudantes e nos projetos que conectam teoria e prática, como o trabalho com agroecologia. As histórias de vida de dona Erivan e dona Regina mostram o quanto a luta pela terra e pela regularização dos assentamentos foi marcada por desafios, como falta de transporte, infraestrutura, e a dificuldade de acesso a serviços básicos como saúde e educação. Entretanto, também revelam o espírito de coletividade e a resiliência dessas comunidades. A criação de escolas, o acesso à água, a construção de moradias e o cultivo sustentável são frutos de um esforço conjunto que transformou a paisagem social e econômica dos



assentamentos. Assim, as conquistas alcançadas pelo povo do assentamento, são um testemunho da força do trabalho coletivo e da importância de uma educação que respeite e integre a realidade local. Mesmo com as dificuldades ao longo dos anos, como o acesso à água e a necessidade de melhores infraestruturas, a história dessas pessoas evidenciam que a luta pela terra é, sobretudo, uma luta por dignidade, memória e um futuro melhor.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de expressarmos os nossos agradecimentos primeiramente as mulheres do assentamento Antônio Conselheiro, Dona Erivan e Dona Regina, por falarem seus depoimentos de inserção ao assentamento, também somos gratas aos professores e diretor da Escola Francisca Pinta dos Santos, e pelos três representantes do Grupo da Brigada pelas suas orientações atenciosas. E por fim, agradecemos imensamente ao Professor Lucho, graças ao mesmo tivemos a oportunidade de participar dessa experiência enriquecedora.

REFERÊNCIAS

DIÁRIO DE CAMPO (anotações, registros fotográficos, gravação, documentos) SOUSA, Kamila; Sales, Celecina. Escolas do Campo de ensino médio no Ceará: territórios de (re)existência e de formação política da juventude camponesa. Caderno de Geografia. V. 33, Número especial 2, 2023